O conceito de Tetrarquia no Império Romano: um debate historiográfico

(The concept Tetrarchy at the Roman Empire: a historiographical debate)

Diogo Pereira da Silva
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Universidade Salgado de Oliveira
profdiogo.psilva@gmail.com

Recibido: 21/08/2013
Evaluado: 23/08/2013
Aceptado: 24/18/2103

Resumo:

Neste artigo temos por objetivo apresentar alguns dos principais pesquisadores que analisaram a época de Diocleciano e da Tetrarquia, atentando para a construção deste conceito histórico e a sua operacionalização na historiografia contemporânea.

Palavras-chave: Diocleciano – Tetrarquia – Historiografia

Abstract:

In this article we aim to examine the main historiographies currents that analyze the period of Diocletian and the Tetrarchy at the Roman Empire. Furthermore, we examine the historical evolution of the concept of Tetrarchy, and its operationalization in contemporary historiography.

Keywords: Diocletian – Tetrarchy – Historiography

I

Em relação aos últimos séculos da Antiguidade, observamos uma série variada de propostas de análises que visam a conferir uma organicidade aos estudos. As diferenças entre elas estão implícitas nos vários nomes aplicados a este período pela historiografia atual, em especial os paradigmas *Baixo Império Romano* e *Antiguidade Tardia*. Entretanto, para além de conveniências, estas variações onomásticas revelam diferenças reais sobre perspectivas e modalidades de escrita da História.

Os historiadores que identificaram seu período de estudo como Baixo Império Romano, de uma forma geral dirigiram sua atenção para os aspectos políticos e institucionais do

Império Romano, de uma perspectiva que lida com o “Império como um todo”. Além disso, vários dos historiadores que lidam com esta nomenclatura, apresentam estudos sobre as crises e a derrocada do Império Romano, numa perspectiva eurocêntrica.¹

Por outro lado, Antiguidade Tardia seria um termo menos tendencioso ao abarcar toda a extensão geográfica da bacia mediterrânica romana e pós-romana. Os historiadores desta perspectiva estão mais preocupados com as regiões do Mediterrâneo oriental, e com o Oriente Próximo, concentrando-se em temas sociais, culturais e religiosos.²

Os estudiosos da Antiguidade Tardia analisaram para além das preocupações do governo do Império Romano, e lançaram suas atenções para outras condições fundamentais que conferiram unidade ao período. Inevitavelmente, eles concederam maior relevo à história religiosa e, acima de tudo, às transformações do paganismo polimórfico da Antiguidade Clássica (séc. VI a.C.-III d.C.) para os sistemas religiosos predominantemente monoteístas do início da época medieval, e da expansão árabe: o Judaísmo, o Cristianismo e o Islã.

Esta mudança de foco também envolveu uma distensão dos limites cronológicos do período. Enquanto a maior parte dos estudos sobre o Baixo Império Romano como o período entre Diocleciano (284-305) e a “queda” do Império Romano do Ocidente (476), limites que são explicáveis principalmente em termos dos acontecimentos e processos políticos. Os estudiosos da Antiguidade Tardia usualmente são favoráveis à

¹ ERMATINGER, J. W., *The Decline and Fall of the Roman Empire*. London, Greenwood Press, 2004; FERRIL, Arther. *A Queda do Império Romano*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1989; JONES, A.H.M.. *The Late Roman Empire, A Social, Economic and Administrative Survey*. Oxford, Blackwell, 1964; LOT, Ferdinand. *Fim do mundo antigo e início da Idade Média*. Lisboa, Edições Setenta, 1985.

² ANDO, Clifford. *Imperial Ideology and Provincial Loyalty in Roman Empire*. Berkeley, University of California Press, 2000; G.BOWERSOCK, P. BROWN, O. GRABAR (Eds.), *Late Antiquity, A Guide to the Post-Classical World*. Cambridge, Harvard University Press, 1999; BROWN, Peter. *Society and the Holy in Late Antiquity*. Berkeley, University of California Press, 1982; *The Body and Society, Men, Women, and Sexual Renunciation in Early Christianity*. New York, Columbia University Press, 1988; HASS, Christopher. “Mountain Constantines, the Christianization of Aksum and Iberia”. *Journal of Late Antiquity*. 1, 1 (2008) 101-126; MARROU. Henri-Irénée Marrou. *Decadência Romana ou Antiguidade Tardia?* Lisboa, Aster, 1978; PAPAConstantinou, Arrietta. *Le culte des saints en Egypte des Byzantins aux Abbassides, L’apport des inscriptions et des papyrus grecs et coptes*. Paris, CNRS, 2001; SIZGORICH, Thomas. “Narrative and Community in Islamic Late Antiquity”. *Past and Present*. 185 (2004), 9–42; S. SWAIN, M. EDWARDS. (eds.) *Approaching Late Antiquity. The Transformation from Early to Late Empire*. Oxford, Oxford University Press, 2004.

longuíssima duração que apresenta marcos entre c.250 até c.600 – ou mesmo o ano c.800 –, e que já referida como a “Longa Antiguidade Tardia”.³

Este período cobriu duas grandes transformações religiosas e suas conseqüências sociais: a conversão do mundo Romano ao Cristianismo, e a emergência e rápida expansão do Islamismo no Oriente Próximo, até o início do período Abássida (séc. VII-VIII).

A proposta, que estamos desenvolvendo em nossa pesquisa de doutoramento em História Comparada, por conseguinte, dialoga com esta proposta historiográfica, pois não somente buscamos ultrapassar os paradigmas de “queda”, “crise” e “decadência”, como propomos uma análise das transformações ideológicas que ocorreram na Antiguidade Tardia, e a forma como estas se relacionam às novas formas de representação do poder imperial.

Nesta perspectiva, a época da Tetrarquia, que Edward Gibbon denominou de “Novo Império”,⁴ pode ser vista como um período de transição na história do Império Romano. O ano de 284, no qual ocorreu a ascensão de Diocleciano ao poder, geralmente é considerado como o marco para o início do Baixo Império, e, atualmente, um ponto de inflexão para a Antiguidade Tardia.

Não obstante a sua importância para o entendimento das transformações que ocorreram no Império Romano, no seu período de transição para o Medieval, a época em que Diocleciano governou sozinho e, em seguida, formou a Tetrarquia não é nem largamente tratada, nem se encontra acessível.

Por conseguinte, um dos objetivos da pesquisa de Doutorado que desenvolvemos no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação da professora Norma Musco Mendes, é produzir uma análise sobre o período de Diocleciano e da Tetrarquia (284-305).

A discussão historiográfica que desenvolvemos no presente artigo partirá, pois, de duas das questões principais para o entendimento da natureza do poder imperial na época de Diocleciano: em primeiro lugar, o surgimento do conceito, tão amplamente utilizado, de

³ CAMERON, Averil. “The long Late Antiquity”. In. T.P WISEMAN (ed.). *Classics in progress, essays on Ancient Greece and Rome*. Oxford, Oxford University Press, 2002, pp. 165-191.

⁴ GIBBON, Edward. *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*. Harmondsworth, Penguin Books, 1995, pp. 381-385.

“Tetrarquia”; e, em seguida, os caminhos atuais da pesquisa sobre a época da Tetrarquia.

II

Diocleciano tinha, por agora, amadurecido seus esquemas para a divisão do poder imperial e escolhido os homens certos para seu propósito, talvez já em 292, ou 291, embora o ato formal de investidura parece ter acontecido em 293. Constâncio Cloro, um nobre dardariano de alta reputação e mérito comprovado, foi apontado como César de Maximiano no oeste, enquanto que Galério, um rude, mas hábil soldado, tomou a mesma posição sob Diocleciano no leste. Para atar ambos os Césares a si mesmo e ao seu colega, Diocleciano obrigou-lhes a se separarem de suas esposas e se casassem com as princesas imperiais. Constâncio separou-se de Helena, mãe de Constantino, e desposou Teodora, filha de Maximiano, enquanto que Galério separou-se de sua primeira esposa, e desposou Valéria, a filha de Diocleciano. Isto estabeleceu a famosa Tetrarquia de Diocleciano.⁵

De uma forma geral, os estudos atuais sobre a Tetrarquia de Diocleciano desdobram narrativas relativamente próximas a esta apresentação sumária de Harold Mattingly – escrita para o *Cambridge Ancient History, volume XII*, publicado em 1939. No entanto, estas certezas descritas tão claramente por Mattingly nos deixam com a enganosa ideia de que o termo “Tetrarquia” era algo normal e amplamente aceito no mundo acadêmico na primeira metade do século passado.

Esta é uma realidade atual, do final do século XX, quando o conceito de “Tetrarquia” se tornou um termo genérico, um rótulo: há estudos sobre iconografia, leis, polícia

⁵ “*Diocletian had by now matured his schemes for division of imperial power and chosen the right men for his purpose, perhaps as early as 292, or 291, though the formal act of investiture seems to have fallen in 293. Constantius Chlorus, a Dardanian nobleman of high repute and tried merit, was appointed Caesar to Maximian in the West, while Galerius, a rough but able soldier took the same rank under Diocletian in the East. To bind both Caesars to himself and his colleague, Diocletian required them to put away their wives and marry the crown princesses. Constantius put away Helena, mother of Constantine, and married Theodora, daughter of Maximian, while Galerius gave up his former wife to marry Diocletian’s daughter Valeria. Thus established the famous Tetrarchy of Diocletian*”. MATTINGLY, Harold. “The Imperial Recovery”. In. S.A. COOK, E. ADCOCK, M.P. CHARLESWORTH, N. H. BAYNES (eds.) *The Cambridge Ancient History Vol. XII, Imperial Crisis and Recovery, AD 193-324*. (Cambridge, Cambridge University Press, 1939, p. 297.

imperial *da Tetrarquia*. Acabou-se, inclusive, por se cunhar um adjetivo (“tetrárquico”) que é regularmente empregado para descrever datas, objetos e políticas – uma prática que, inclusive, incorporamos no presente projeto.

No entanto, este conceito apresenta uma história de repulsa, que apenas foi rompida após muitos esforços dos pesquisadores, inicialmente alemães, para que fosse empregado com o intuito de qualificar o início da época das reformas que ocorreram no Império Romano entre 284 e 337, um período de meio século que também era rotulado de “novo império”.

Conforme comentado anteriormente neste pré-projeto, o primeiro a identificar a época de Diocleciano como um “novo império”, um sistema de poder inteiramente novo e diferente em suas características se comparado à época de imperadores como Augusto e Marco Aurélio, foi o historiador inglês Edward Gibbon.

Nas páginas de seu *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*, Gibbon descreveu um Diocleciano nobre e sábio, um homem moderado e racional, que fez uso da pompa e do cerimonial para defender um poder imperial cada vez mais forte e centralizado. Diocleciano dirigiu o Império Romano com cuidado, e promoveu uma importante reforma na administração do território imperial.

A seguir, Gibbon examinou a estrutura do poder imperial. Para este autor, esta estrutura se baseava na divisão do poder imperial – uma vez que se tornava impossível para um único imperador administrar todo o Império Romano – e na sua posterior devolução.

A análise de Gibbon – que retratou Diocleciano como um homem sensível, trabalhador e reformador do cargo de imperador –, foi profundamente influente e ainda provoca discussões. No entanto, não foi Edward Gibbon quem nomeou o sistema de poder da época como “Tetrarquia”.

Em nosso levantamento bibliográfico, observamos que até a década de 1870, o conceito de “Tetrarquia” não era utilizado nas descrições e análises historiográficas sobre o período entre 284 e 337. Por exemplo, em 1867, o historiador alemão Theodor Preuss⁶ escreveu sobre as reformas de Diocleciano e preferiu empregar a proposição „*der Regierung der vier Kaiser*“.

⁶ PREUSS, Theodor. *Kaiser Diocletian und seine Zeit*. Leipzig, Duncker, 1869.

Para William Leadbetter,⁷ a primeira obra a utilizar o conceito “Tetrarquia” foi o manual de história romana *Geschichte der Römischen Kaiserzeit*, escrito entre os anos de 1883 e 1887, por Hermann Schiller,⁸ o qual apresentou, pela primeira vez, o sistema como „*die diokletianische Tetrarchie*“. No entanto, Schiller não possuía um peso acadêmico, sendo mais conhecido por suas obras na área de pedagogia e didática; talvez por isso suas ideias não foram tão difundidas entre os historiadores.

No século XIX, de fato, o meio acadêmico europeu apresentava-se refratário ao emprego deste termo, ou mesmo o desconhecia. O maior dos historiadores alemães especializado em Roma Antiga, Theodor Mommsen,⁹ embora declarasse que Diocleciano desenvolveu uma nova forma de governo, não lança mão de tal conceito em suas análises. Outro importante historiador da arte e arquiteto, o dinamarquês Karl Frederik Kinch,¹⁰ que publicou o primeiro estudo fundamental sobre o Arco de Galério, também parecia desconhecer tal termo.

Apenas na passagem do século XIX para o século XX, com o monumental trabalho de Otto Seeck, o *Geschichte des Untergangs der antiken Welt*,¹¹ que o conceito “Tetrarquia” passou a ter uma importante penetração nos meios acadêmicos alemães e franceses. Na França, este termo ganhou um grande número de adeptos, dentre os quais podemos destacar Jean Maurice, Ferdinand Lot e William Seston.

Em 1908, Jean Maurice¹² publicou sua *Numismatique Constantinienne* – obra de grande influência por ser o primeiro grande catálogo de moedas deste período. Nela, citando Schiller, Maurice além de utilizar o termo “Tetrarquia”, apresenta uma breve definição: “*Este imperador [Diocleciano] foi o chefe incontestável da Tetrarquia, seu sistema foi, como toda a sua legislação, adotado em todo o Império, e foi somente aplicado até o ano de 309*”.¹³

⁷ LEADBETTER, Bill. *Galerius and the Will of Diocletian*. London, Routledge, 2009, p. 4.

⁸ SCHILLER, Hermann. *Geschichte der Römischen Kaiserzeit*. Gotha, F. A. Perthes, 1887.

⁹ MOMMSEN, Theodor. *Chronica Minora. Monumenta Germaniae Historiae, Auctores Antiquissimi*. Berlin, 1892.

¹⁰ KINCH, Karl Frederik. *L'Arc de Triomphe de Salonique*. Paris, Sorbonne, 1890.

¹¹ SEECK, Otto. *Geschichte des Untergangs der antiken Welt*. Stuttgart, Metzler, 1895–1920.

¹² MAURICA, Jean. *Numismatique constantinienne*. Paris, 1908-1912.

¹³ “*Cet empereur était le chef incontesté de la Tétrarchie, son system fut, comme l'ensemble de sa legislation, adopté dans tout l'Empire, et il y fut seul appliqué jusqu'a 309*”.

Poucos anos depois, Ferdinand Lot,¹⁴ em uma obra de fôlego e inovadora em vários pontos, emprega também o termo “Tetrarquia” para caracterizar este período. Além disso, Lot foi um dos pioneiros das análises de longa duração, e acreditava que para entendermos o mundo medieval era necessário não perder a perspectiva das transformações ocorridas no Baixo Império Romano.

No pós-guerra, vemos surgir a obra *Dioclétien et la Tetrarchie* de William Seston,¹⁵ que foi o principal estudo, em língua francesa, sobre o período até a publicação da obra *L'évolution politique, sociale et économique du monde romain de Dioclétien à Julien: La mise en place du régime du Bas-Empire (284-363)*, de André Chastagnol.¹⁶

Na Itália, o primeiro pesquisador a utilizar este termo, na virada do século XX, foi Giovanni Costa, em seu verbete sobre Diocleciano publicado no *Dizionario Epigrafico*, também citando Schiller, escreveu sobre *il nouvo regime*, e denominou-o de *Tetrarchia*. No mundo acadêmico anglo-saxão, o numismata P. H. Webb escreveu, em 1907, um longo artigo sobre a época sem empregar este termo em suas análises.¹⁷ J.B. Bury¹⁸ analisou o sistema de Diocleciano como o “*Diocletian's throne system*”; J.G.C. Anderson¹⁹ utilizou a frase “*Diocletian's joint reign*” em um artigo de 1932. Ainda em 1948, Norman H. Baynes, com seu cuidado no uso da terminologia, confessou-se profundamente cético sobre o uso do termo.

Outro dado interessante que podemos notar é que Mattingly e Sydenham, organizadores dos catálogos numismáticos *The Roman Imperial Coinage* (volumes II, III, IV e V, referentes aos anos 68 até 294), não se referiram a tetrarcas ou Tetrarquia, em 1933. No entanto, poucos anos depois, Mattingly escreveu seu artigo sobre a época de Diocleciano – que citamos no *caput* desta seção –, e não apenas utilizou o termo “Tetrarquia”, cognominando-o de “famoso”, como delimitou a sua sistemática.

¹⁴ LOT, Ferdinand. *Op. cit.* 1985.

¹⁵ SESTON, William. *Dioclétien et la Tetrarchie*. Paris, 1946.

¹⁶ CHASTAGNOL, André. *L'évolution politique, sociale et économique du monde romain de Dioclétien à Julien, La mise en place du régime du Bas-Empire (284-363)*. Paris, Société d'Édition d'Enseignement Supérieur, 1982.

¹⁷ WEBB, P. H. “The Reign and Coinage of Carausius”. *Numismatic Chronicle*. 7 (1907), 1-88.

¹⁸ BURY, John B. “The provincial list of Verona” *Journal of Roaman Studies*. 13 (1923), 127-151.

¹⁹ ANDERSON, J.G.C. “The Genesis of Diocletian's Provincial Re-Organization” *Journal of Roman Studies*. 22 (1932), 24-32.

Alguns historiadores consideram que o mais significativo estudo a utilizar esta terminologia foi escrito por Ernst Kornemann.²⁰ Em *Doppelprinzipat und Reichsteilung im Imperium Romanum*, publicado em 1930, Kornemann empregou e expandiu estes termos, identificando não menos que cinco diferentes tetrarquias.

As idéias de Kornemann sobre a existência de um número sucessivo de tetrarquias podem ser percebidas em sucessivos fascículos da *Realencyclopädie*, que trazem as biografias de Diocleciano, Maximiano e Galério assinadas por Wilhelm Ensslin, e publicadas em 1928 (Maximiano e Galério) e 1948 (Diocleciano).

Nos verbetes de 1928, Ensslin apresentou um profundo conhecimento da historiografia e da documentação, e várias vezes citou Seeck e Schiller, utilizando apenas uma vez o termo “tetrarquia”. Já no verbete sobre Diocleciano, publicado no pós-Guerra, Ensslin conferiu maior relevância ao conceito, definindo-o nos seguintes termos: “*Assim foi a Tetrarquia, virtualmente dois Augustos e dois Césares, e, realmente, um governo familiar, ao mesmo tempo, a questão da sucessão foi regulamentada desta forma*”.²¹

Nesta época, a ideia de Tetrarquia já estava bem estabelecida. Ensslin não apenas citou as autoridades de vinte anos antes, e adicionou o livro de Kornemann, Harold Mattingly, e um estudo seu de 1942²² – sobre a política oriental de Diocleciano –, e a obra *Dioclétien et La Tétrarchie* de William Seston.

Embora cunhado por Schiller e difundido por Seeck e por alguns estudiosos franceses, a rearticulação da idéia empreendida por Kornemann com uma definição clara e uma delimitação da sucessão de tetrarcas proveu um modelo claro para os estudiosos criticarem ou se apropriarem.

Atualmente, o meio acadêmico utiliza amplamente o conceito de Tetrarquia, que é empregado para delimitar o período entre a ascensão de Diocleciano e a reunificação do Império Romano por Constantino, isto é, o período entre os anos 284 e 337. Isto nos permite uma descrição longa das transformações que ocorreram neste período.

Esta periodização, não obstante, demonstra mais a fluidez das relações políticas existentes no período, do que uma falta de precisão no uso do termo. Pois, para o

²⁰ KORNEMANN, Ernst. *Doppelprinzipat und Reichsteilung im Imperium Romanum*. Leipzig, Teubner, 1930.

²¹ „So war die Tetrarchie der beiden Augusti und ihrer Caesares zu einer teils fiktiven, teils wirklichen Herrscherfamilie geworden, und damit war zugleich die Nachfolgefrage geregelt“.

²² ENSSLIN, Wilhelm. *Zur Ostpolitik des Kaisers Diokletian*. München, Sitzungsberichte der Bayerischen Akademie der Wissenschaft, 1942.

período entre 285 e 293, Diocleciano governou em colegiado apenas com Maximiano; além disso, no período entre 310 e meados de 311, havia quatro Augustos; entre 317 e 324, havia dois Augustos e três Césares; e no período seguinte (324-337) Constantino manteve-se como único Augusto, sendo césares os seus filhos Crispo, Constâncio, Constante e Constâncio II.

Nos últimos trinta anos, obras historiográficas importantes sobre a época de Diocleciano e da Tetrarquia têm sido publicadas. No item a seguir examinaremos algumas dessas obras e as formas como os autores lidaram com a temática.

III

Com o desenvolvimento do campo de estudos com temáticas relacionadas à chamada Antiguidade Tardia, ocorreu uma renovação das pesquisas historiográficas sobre os últimos séculos do Império Romano do Ocidente. Esta perspectiva pressupõe a inexistência de rupturas, e enfatiza as continuidades e interações culturais entre as sociedades da Europa Tardo-Antiga, do Mundo Bizantino e mesmo do Mundo Islâmico. Os estudos atuais sobre a Época da Tetrarquia partem de uma forma geral, dos questionamentos levantados por Timothy David Barnes em duas obras escritas no início da década de 1980: *The New Empire of Diocletian and Constantine*²³ e *Constantine and Eusebius*.²⁴

Nestes dois livros, T. D. Barnes a partir de uma grande variedade de documentação – especialmente a escrita e a numismática – buscou traçar um quadro das transformações políticas e religiosas ocorridas entre 284 e 337. Seguindo a linha de Edward Gibbon, Barnes visa a demonstrar que as profundas reformas ocorridas neste período de transição acabaram por formar uma forma de realeza cristã após o governo de Constantino.

O trabalho de T. D. Barnes se mantém fundamental para o estudo do período da Tetrarquia, desde sua publicação na década de 1980, embora o autor tenha preferido se concentrar no estudo de Constantino.

Na esteira da obra de Barnes, observamos uma profícua produção historiográfica no mundo anglo-saxão e germânico que lida com este período. Dentre estes podemos citar

²³ BARNES, T. D. *The New Empire of Diocletian and Constantine*. Cambridge, Harvard University Press, 1982.

²⁴ BARNES, T. D. *Constantine and Eusebius*. Cambridge, Harvard University Press, 1981.

os seguintes autores: Stephen Williams, Franz Kolb, Simon Corcoran, Elizabeth Digeser e Roger Rees, entre outros.

A obra *Diocletian and the Roman Recovery*, de Stephen Williams, de 1985, encontra-se inserida na coleção de biografias históricas dos imperadores romanos publicadas pela editora inglesa Routledge. Embora passível de críticas, esta obra apresentava a proposta de compreender o período de reformas a partir da perspectiva biográfica.

Para Williams, as reformas de Diocleciano levaram à completa substituição do sistema de governo próprio do Principado – no qual o imperador era visto como um “*primeiro magistrado*” – para um sistema no qual o imperador era considerado tão divino quanto um faraó.²⁵

Em 1987, o historiador alemão Frank Kolb²⁶ publicou a obra „*Diocletian und die erste Tetrarchie: Improvisation oder Experiment in der Organisation der monarchischer Herrschaft?*”, que se concentrava apenas na organização da Primeira Tetrarquia (293-305). A discussão de Kolb se centrava na seguinte questão: a Tetrarquia foi algo planejado por Diocleciano, ou foi causada pela rápida sucessão de problemas que se apresentavam ao poder imperial?

No decorrer de seu livro – no qual se utiliza de um amplo *corpus* documental –, Kolb propõe que a Tetrarquia se formou como uma resposta às guerras externas, e às crises internas que o Império Romano passava. Na visão desse pesquisador, esses fatores levaram Diocleciano a preferir dividir o poder com outros imperadores que ficariam subordinados à sua autoridade, a entrar em guerras que comprometeriam seu poder.

Na década seguinte, Simon Corcoran publicou a sua tese de doutoramento *The Empire of the Tetrarchs: Imperial Pronouncements and Government AD 284-324*,²⁷ a qual versa sobre as leis imperiais do período entre a ascensão de Diocleciano e a reunificação do Império Romano por Constantino.

Seguindo de perto as propostas das obras de Barnes, Corcoran buscou estabelecer uma recolha das leis a partir dos códigos legais (como o *Código Teodosiano*, o *Código de Justiniano*...), autores cristãos (como Lactâncio, Eusébio de Cesaréia...), inscrições

²⁵ WILLIAMS, Stephen. *Diocletian and the Roman recovery*. London, Routledge, 1985, pp. 111-115.

²⁶ KOLB, Frank. *Diocletian und die Tetrarchie, Improvisation oder Experiment in der Organization der monarchischer Herrschaft?* New York, Walter de Gruyter, 1987.

²⁷ CORCORAN, Simon. *The Empire of the Tetrarchs, Imperial pronouncements and Government, A.D. 284-324*. Oxford, Oxford University Press, 1996.

epigráficas e papiros. Por fim, Simon Corcoran buscou compreender o funcionamento do sistema legal, de governo e administrativo entre os anos 284 e 324.

Elizabeth DePalma Digeser, em *The making of a Christian Empire: Lactantius and Rome*,²⁸ tem por objetivo estabelecer um estudo das políticas religiosas romanas desde a época de Diocleciano até o desenvolvimento de um “Império Cristão” com Constantino. Em sua análise das perseguições religiosas, Digeser traça um quadro dos fundamentos do poder imperial da Tetrarquia – em especial a primazia da religião tradicional romana baseada no panteão greco-romano –, e como estes foram fatores fundamentais para a Grande Perseguição.

Outra produção de grande destaque sobre o período é a do historiador escocês Roger Rees. Em seus estudos, Rees buscou analisar os panegíricos, as moedas e as imagens como demonstrativos da propaganda do regime imperial, e das disputas existentes inclusive no interior da própria Tetrarquia, como chega a esboçar em sua obra principal *The Layers of the loyalty in Latin Panegyrics. AD 289-307*.²⁹

Outro livro de grande importância para o estudo deste período é a obra coletiva organizada por Alexander Demandt, Andreas Goltz e Heinrich Schlange-Shöninghen intitulada *Diokletian und die Tetrarchie*.³⁰ Esta obra foi gestada numa conferência ocorrida em 2003, em Split, em comemoração dos 1.700 anos da “Grande Perseguição”. O objetivo desta obra é estabelecer o estágio atual das pesquisas sobre Diocleciano e a Tetrarquia na Europa. Interessante notarmos que esta obra passa ao largo dos livros publicados nos Estados Unidos – como as obras de Barnes e Digeser, entre outros.

Fora da historiografia germânica e anglo-saxônica, podemos citar os importantes trabalhos dos pesquisadores espanhóis Manuel José Rodríguez Gervás³¹ e José Ignacio San Vicente.³²

²⁸ DIGESER, Elizabeth DePalma. *The making of a Christian Empire, Lactantius and Rome*. Ithaca, Cornell University Press, 2000.

²⁹ REES, Roger. *Layers of Loyalty in Latin Panegyric. AD 289-307*. Oxford, Oxford University Press, 2002.

³⁰ A. DEMANDT, A. GOLTZ, H. SCHLANGE-SCHÖNINGEN (eds.). *Diokletian und die Tetrarchie*. New York, Walter de Gruyter, 2003.

³¹ RODRIGUES GERVÁS, Manuel J. *Propaganda política y opinión pública en los Panegíricos Latinos del Bajo Imperio*. Salamanca, Universidad de Salamanca, 1991.

³² SAN VICENTE, José Ignacio. *Moneda y propaganda política, de Diocleciano a Constantino*. Vitoria-Gasteiz, Universidad del País Vasco, 2002.

Tanto Manuel J. Rodrigues Gervás quanto José Ignacio San Vicente possuem objetivos gerais comuns, o estudo da propaganda política, no entanto ambos divergem do ponto de vista documental.

Rodrigues Gervás faz uma análise da propaganda imperial e de sua recepção pela opinião pública romana a partir dos *Panegíricos Latinos*; em seu livro *Propaganda Política y Opinión Pública em los Panegíricos Latinos del Bajo Império*, publicado em 1991. O autor parte de uma análise dos discursos para estabelecer os padrões utilizados na publicização dos acontecimentos do Império e das ações dos imperadores, e a forma como estes panegíricos agem sobre a opinião pública romana.

Por outro lado, José Ignacio San Vicente se enfoca na análise das emissões monetárias dos Tetrarcas e de Constantino, visando a construção de um quadro dos principais temas utilizados na propaganda desses imperadores. San Vicente constrói seu texto a partir da própria documentação, no início de cada capítulo cita partes da documentação textual e apresenta quatro a seis legendas monetárias, que são seguidas de uma análise.

IV

Em vista do que foi exposto, em nossa tese de doutoramento – que está em fase de conclusão na Universidade Federal do Rio de Janeiro – buscamos analisar a demarcação de uma nova forma de pensar o período da Tetrarquia a partir da demonstração do transcrito público do poder imperial.

A partir dos trabalhos do antropólogo americano James C. Scott,³³ entendemos por transcrito público todos os tipos de linguagens e representações simbólicas e materiais que os grupos dominantes utilizam no processo linguístico de autor representação. Os transcritos públicos, deste modo, podem ser tanto uma moeda, um monumento ou um panegírico, como uma cerimônia, na qual são apresentados os símbolos de poder e distinção entre os indivíduos de uma sociedade.

Em nosso caso, analisamos as expressões públicas de Diocleciano e dos tetrarcas como transcritos públicos, como discursos que possuíam funções no processo de comunicação e legitimação, tais como afirmar uma hierarquia, eufemizar a imagem do imperador e estigmatizar adversários.

³³ SCOTT, James C. *Domination and the Arts of Resistance; Hidden Transcripts*. New Haven/London, 1990, pp. 45-70

Desse modo, temos por proposta de inter-relacionar a imagética dos tetrarcas com aquelas dos imperadores da Antiguidade Tardia, através de uma análise intertextual, que não dê primazia a um tipo de documentação.

Esta análise nos permite afirmar que a legitimação do poder imperial, durante o Baixo Império Romano, seguiu as tendências traçadas por Diocleciano. Tal ideia foi esboçada por Moses I. Finley³⁴ em um ensaio bastante inspirado, no qual o autor se propôs a demonstrar que as transformações que caracterizam o governo de Diocleciano lançaram as bases para o modelo de organização do poder imperial do Império Bizantino.

Neste sentido, nossa proposta de trabalho se contrapõe e amplia, em certos aspectos, algumas das teses mais difundidas sobre o tema, pois a análise das representações do poder imperial nos leva a discutir numa perspectiva comparativa as formas que sistemas políticos se reestruturaram após períodos de transição (econômicas, políticas, sociais...), tal qual foi o século III para o Império Romano.

Bibliografia

- J.G.C. anderson, "The Genesis of Diocletian's Provincial Re-Organization", *Journal of Roman Studies*. 22 (1932), 24-32.
- C. Ando, *Imperial Ideology and Provincial Loyalty in Roman Empire*, Berkeley, University of California Press, 2000.
- T. D. Barnes, *Constantine and Eusebius*, Cambridge, Harvard University Press, 1981.
- _____. *The New Empire of Diocletian and Constantine*. Cambridge, Harvard University Press, 1982.
- G. Bowersock, P. Brown, O. Grabar, (Eds.), *Late Antiquity, A Guide to the Post-Classical World*. Cambridge, MA, Harvard University Press, 1999.
- P. Brown, *Society and the Holy in Late Antiquity*. Berkeley, University of California Press, 1982.
- _____. *The Body and Society, Men, Women, and Sexual Renunciation in Early Christianity*, New York, Columbia University Press, 1988.
- J. B. Bury, "The provincial list of Verona". *Journal of Roman Studies*. 13 (1923), 127-151.

³⁴ FINLEY, Moses I. "O imperador Diocleciano". In. *Aspectos da Antiguidade*. São Paulo, Martins Fontes, 1991, p. 172.

- A. Cameron, "The long Late Antiquity". In T.P. Wiseman, (Ed.), *Classics in progress, essays on Ancient Greece and Rome*, Oxford, Oxford University Press, 2002, pp. 165-191.
- A. Chastagnol, *L'évolution politique, sociale et économique du monde romain de Dioclétien à Julien, La mise en place du régime du Bas-Empire (284-363)*, Paris, Société d'Édition d'Enseignement Supérieur, 1982.
- Corcoran, Simon. *The Empire of the Tetrarchs, Imperial pronouncements and Government, A.D. 284-324*. Oxford, Oxford University Press, 1996.
- A. Demandt, A. Goltz, H. Schlange-schöningen (Hrsg), *Diokletian und die Tetrarchie*, New York, Walter de Gruyter, 2003.
- E. De P. Digeser, *The making of a Christian Empire, Lactantius and Rome*, Ithaca, Cornell University Press, 2000.
- W. Ensslin, *Zur Ostpolitik des Kaisers Diokletian*, München, Sitzungsberichte der Bayerischen Akademie der Wissenschaft, 1942.
- J. W. Ermatinger, *The Decline and Fall of the Roman Empire*, London, Greenwood Press, 2004.
- A. Ferril, *A queda do Império Romano*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1989.
- M. Finley, "O imperador Diocleciano". In. *Aspectos da Antigüidade*, São Paulo, Martins Fontes, 1991, pp. 165-175.
- E. Gibbon, *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*, Harmondsworth, Penguin Books, 1995.
- C. Haas, *Mountain Constantines, the Christianization of Aksum and Iberia*, *Journal of Late Antiquity*. 1, 1 (2008), 101-126.
- A. H. M. Jones, *The Later Roman Empire 284-602, A Social, Economic and Administrative Survey*, Oxford, Blackwell, 1964.
- K. F. Kinch, *L'Arc de Triomphe de Salonique*, Paris, Sorbonne, 1890.
- F. Kolb, *Diocletian und die Tetrarchie, Improvisation oder Experiment in der Organization der monarchischer Herrschaft?* New York, Walter der Gruyter, 1987.
- E. Kornemann, *Doppelprizipat und Reichteilung in Imperium Romanum*, Leipzig, Teubner, 1930.
- B. Leadbetter, *Galerius and the Will of Diocletian*, London, Routledge, 2009.

- F. Lot, *Fim do mundo antigo e início da Idade Média*, Lisboa, Edições 70, 1985.
- H. Marrou, *Decadência Romana ou Antiguidade Tardia?* Lisboa, Áster, 1978.
- H. Mattingly, *The Imperial Recovery*, In S.A Cook, E. Adcock, M.P. Charlesworth, N.H. Baynes (Eds.). *The Cambridge Ancient History Vol. XII, Imperial Crisis and Recovery, AD 193-324*, Cambridge, Cambridge University Press, 1939. p. 297-311.
- J. Maurice, *Numismatique constantinienne*, Paris, 1908-1912.
- T. Mommsen, *Chronica Minora. Monumenta Germaniae Historiae, Auctores Antiquissimi*, Berlin, 1892.
- A. Papaconstantinou, *Le culte des saints en Egypte des Byzantins aux Abbassides, L'apport des inscriptions et des papyrus grecs et coptes*, Paris, CNRS, 2001.
- T. Preuss, *Kaiser Diocletian und seine Zeit*. Leipzig, Duncker, 1869.
- R. Rees, *Layers of Loyalty in Latin Panegyric, AD 289-307*, Oxford, Oxford University press, 2002.
- M. J. Rodrigues Gervás, *Propaganda política y opinión pública en los Panegíricos Latinos del Bajo Imperio*, Salamanca, Universidad de Salamanca, 1991.
- J. I. San Vicente, *Moneda y propaganda política, de Diocleciano a Constantino*. Vitoria-Gasteiz, Universidad Del País Vasco, 2002.
- H. Schiller, *Geschichte der Römischen Kaiserzeit*, Gotha, F. A. Perthes, 1887.
- J. C. Scott, *Domination and the Arts of Resistance; Hidden Transcripts*, New Haven/London, Yale University Press, 1990.
- O. Seeck, *Geschichte des Untergangs der antiken Welt*, Stuttgart, Metzler, 1895–1920 (6 Volumes).
- W. Seston, *Dioclétien et la Tétrarchie*, Paris, 1946.
- T. Sizgorich, *Narrative and Community in Islamic Late Antiquity. Past and Present*. 185 (2004), 9–42.
- S. Swain, M. Edwards (Eds.), *Approaching Late Antiquity. The Transformation from Early to Late Empire*, Oxford, Oxford University Press, 2004.
- WEBB, P.H. “The Reign and Coinage of Carausius”, *Numismatic Chronicle*. 7 (1907), 1-88.
- S. Williams, *Diocletian and the Roman recovery*, London & New York, Routledge, 1985.